

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ UFPR

Setor Litoral

JEAN CRISTOPHER DA SILVA SANCHES

**A VOZ QUE ECOA DE CAROLINA MARIA DE JESUS ATRAVÉS
DA OBRA QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA
COMO UMA NOVA ALTERNATIVA.**

MATINHOS

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ UFPR

Setor Litoral

JEAN CRISTOPHER DA SILVA SANCHES

**A VOZ QUE ECOA DE CAROLINA MARIA DE JESUS ATRAVÉS
DA OBRA QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA
COMO UMA NOVA ALTERNATIVA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Educação

Mediadora Institucional: Solange Triunfo Kehl

MATINHOS

2022

“A voz que ecoa de Carolina Maria de Jesus através da obra Quarto de Despejo Diário de uma Favelada como uma nova alternativa”

Jean Christopher da Silva
Sanches

RESUMO:

O presente trabalho considera a prática da leitura como uma efetiva garantia de direito a crianças, jovens e adultos, passando a analisar na perspectiva da literatura e o imaginário feminino presentes em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, com o foco de sensibilizar o potencial desta autora e fazer ecoar sua voz nos dias de hoje, de forma a ser representada, num paradoxo de sua riqueza de representação e narrativa, a sua vida de extrema pobreza e vulnerabilidade social, sobretudo no período histórico na qual viveu, e fazer-nos também refletir de como sua voz além de ecoar é presente nos dias de hoje, mesmo diante de um racismo estrutural e subalternidade, conclui-se que a palavra de Carolina, eco de muitas vozes autorizadas, e que através da prática da contribuição da leitura, que a potencializamos, e através de uma educação que se faz com novas alternativas, uma delas a leitura nos leva para qualquer espaço de fala, realização de sonhos e projetos de vida.

Alternativas educacionais; literatura negra; racismo estrutural; políticas públicas

INTRODUÇÃO

Quarto de despejo (1960), da autora Carolina Maria de Jesus, e editado pelo repórter Audálio Dantas. Carolina Maria de Jesus usa sua escrita como ferramenta para negociar sua existência e reformular sua identidade em um contexto que a torna invisível por gênero, raça e classe. De Jesus foi a primeira escritora negra da favela a questionar sua posição social, racial e feminina ao contar a história de seus ancestrais por meio de suas memórias e ressignificar o discurso narrativo para criar uma escrita autorrepresentativa.

Na contemporaneidade, sua narrativa é essencial para a literatura dos autores afro-brasileiros, pois valida sua existência em um contexto que insiste em questionar sua legitimidade. Ao desenvolver uma narrativa autorrepresentativa e tornar-se sujeito de seu discurso, de Jesus colabora não

só com a herança cultural das comunidades negras do Brasil, mas também corrobora a formação identitária das mulheres negras do país.

Carolina Maria de Jesus era uma mulher situada no limite da hierarquia social brasileira e exposta a múltiplas formas de dominação de gênero, raça e classe. É por isso que a utilização desses dispositivos linguísticos para questionar as estruturas sociais, raciais, políticas e econômicas que prevaleciam no contexto social do Brasil nas décadas de 1950 e 1960 torna-se um mecanismo de defesa contra sua posição subalterna.

A narrativa de Carolina Maria de Jesus concentra-se nesses componentes para produzir um efeito perturbador em sua situação difícil e marginalizada. Estas são marcantes em seu discurso para enfrentar situações sociais, raciais e de gênero, ou simplesmente para desmontar posições cristalizadas mostrando a falta de embasamento que essas posições revelam. Rosario Ferré destaca essa ironia. O humor e a metaforização da linguagem são elementos essenciais para a escrita feminina pelo fato de produzirem um adensamento do self narrativo, durante o qual se tem a oportunidade de observar a si mesmo e o mundo para poder se libertar.

Na narrativa da autorrepresentação, a linguagem do jornal proporciona liberdade estilística e temática, permitindo aberturas para que o sujeito feminino redefina sua subjetividade no espaço textual. Seu tom íntimo e reservado permite que a voz narrativa construa um diálogo em seu ambiente que lhe fornece ferramentas para encontrar uma voz autônoma especialmente essencial dentro da narrativa das mulheres negras, uma vez que fomenta novas formas de representações culturais em torno de sua imagem e abre uma lacuna não apenas para seu empoderamento literário, mas também para seu empoderamento sociocultural.

Quarto de despejo permite a (re) criação de uma identidade afro-feminina na sociedade brasileira, ao abordar questões relacionadas à história, política, gênero e raça por meio de estratégias linguísticas que redefinem não só sua posição perante o mundo, mas também que também apresenta elementos suficientes para torná-lo uma fonte de inspiração para as atuais escritoras negras e para as vozes invisíveis da literatura.

É também inovador para o contexto literário brasileiro dos anos 1960. As próprias circunstâncias que levaram à sua publicação são um caso atípico para

o contexto do país. Pela primeira vez, uma mulher de sua classe e raça rompe com o status quo literário e publica uma obra que se torna um best-seller nacional. A possibilidade de expor as atrocidades da pobreza e as condições de vida da favela sob seu próprio discurso autorrepresentacional contribuiu para que Quarto se tornasse um best-seller.

O público caroliniano era formado basicamente por intelectuais negros, universitários e intelectuais da elite brasileira que tinham curiosidade em conhecer a vida da favela na perspectiva de quem a vivia diariamente. No entanto, a recepção favorável de Quarto do despejo e de seu autor durou apenas alguns anos. Os jogos políticos da década de 1960 no Brasil desencadearam um processo de estagnação social e racial no governo militar do general Costa e Silva. Uma forte onda de repressão política e militar contra grupos de esquerda e opositores do regime militar teve início em 1964, quando o general Castelo Branco deu o golpe e depôs o presidente.

A simplicidade estética da narrativa de Jesus combina elementos linguísticos estratégicos como metáfora, ironia e humor cáustico e cínico para valorizar a imagem da mulher negra, questionar seu estado de rebaixamento e criticar a falta de dignidade. Abuso, privação de direitos básicos de sobrevivência ou marginalização da pessoa ou de um grupo social são elementos que podem causar conflito social. Por outro lado, superá-los também está ligada a processos de aprendizagem individual para ampliar o horizonte de relações que lhes permitam obter o seu próprio reconhecimento, para depois alcançar o reconhecimento do grupo.

A fina ironia e o humor cáustico, muitas vezes cínico, se inserem em sua narrativa como mecanismos que admitem, ou pelo menos anseiam, buscar caminhos que rompam com a ausência de um reconhecimento sócio-racial, cultural e de gênero, ao mesmo tempo que eles reivindicam uma voz. É por meio desses componentes que a autora se distancia de sua situação e da dos outros - ricos e pobres - para se explicar e explicar aos outros. Jesus substitui por esses elementos a indignação, mais comumente usados em situações de injustiça. O próprio processo que deu origem à escrita do autor é irônico e é um aspecto que merece atenção. A maior parte de seu texto foi escrita nos papéis que ela coletava diretamente nos lixões das casas e estabelecimentos da elite brasileira, já que ela não tinha recursos para comprá-los, Freire bem citou que “*A leitura*

do mundo precede a leitura da palavra.”, por intermédio das ideias e desejos manifestos podemos validar e dar voz à nossa narrativa.

Jesus obteve as ferramentas necessárias para difundir sua existência no mundo, criticar aqueles que lhe causaram alteridade e valorizar a sua & posição de uma mulher negra e favelada em um contexto em que todos se recusavam a reconhecê-la. O tema diário de seus registros diários também é impulsionado por seu desejo de criticar a Igreja, as instituições literárias, as instituições governamentais e os políticos. A ironia neste aspecto foi dada pelo facto de ser aquele mundo distante da sua realidade que, ao descobrir e valorizar a sua literatura, lhe deu a possibilidade de divulgar a sua obra, elevar-se socialmente e trazer-lhe também uma certa riqueza temporal. Seus vizinhos e pessoas de seu meio social nunca tiveram acesso ao seu trabalho, não só pela falta de recursos para comprar seus livros, mas porque a maioria dessas pessoas era analfabeta.

Justificativa

Os estudos de gênero e de raça e suas relações que discutem questões e conceitos acerca de feminismo, machismo, racismo dentre outros tem sido exclusividade de universidades, muitas vezes não conseguem romper com os espaços acadêmicos e as reflexões ficam retidas a apenas ao nível universitário.

Neste sentido, as escolas que contemplam níveis como educação infantil e fundamental não tomam conhecimento destas discussões, por isso o desejo de trazer a leitura de literatas negras como uma perspectiva de alternativas para uma nova forma de pensar e fomentar diálogos no processo educacional.

As práticas sociais são reproduções da estrutura hegemônica patriarcal branca que coaduna valores de superioridade dos homens em relação a mulheres, de brancos em relação a negros dentre outras relações que funcionam a partir de categorias que subjagam umas as outras.

Deste modo, as crianças quando imersas em quaisquer contextos sociais, como a instituição escolar, estão dispostas a este tipo de estrutura. Nas instituições escolares estas relações não são problematizadas logo são reproduzidas por todos que compõe a mesma.

A questão de gênero e os debates raciais não tem espaço para reflexão nestes contextos. Por isso a relevância de trabalhos que reflitam sobre as representações, práticas e discursos de gênero e raça nos espaços de formação dos cidadãos, as escolas.

Objetivo Geral

- Intervir através da leitura com base na obra Quarto do Despejo de Carolina Maria de Jesus com vistas a enfrentar o debate de racismo estrutural e institucional nas instituições escolares.

Objetivos Específicos

- Discutir as teorias circunscritas ao campo de estudos de gênero e de raça como forma auxiliar na construção do objeto de pesquisa permeado pelo conceito de identidade de gênero;

- Refletir os discursos de gênero a partir das narrativas docentes;

- Problematizar os modelos tradicionais de educação no que tange a reprodução de uma estrutura patriarcal e racista que reproduz conceitos dicotômicos e estanques acerca de gênero e raça;

- Analisar as práticas cotidianas docentes imperantes como forma de compreender a representação da identidade de gênero nas escolas pesquisadas;

- Refletir sobre as possibilidades de desenvolver uma prática docente que repense a estrutura social hegemônica.

MEMÓRIA DE VIDA

Antes de ingressar na Especialização em Alternativas para uma nova Educação, eu colaborava na ABAI (Associação Brasileira de Amparo à Infância) como socioeducador, sempre busquei através de minhas práticas educativas, sobretudo no espaço socioambiental Mãe Terra/Abai, vivenciar com o sagrado da terra, com outros educadores da mesma corrente teórica que buscava enquanto educador aprender, potencializar e trocar conhecimento, isso enquanto educador e pedagogo, mas almejava grandemente um dia poder fazer parte da especialização da UFPR do Litoral, a fim de aprender mais para poder multiplicar essas alternativas tão importantes para uma nova perspectiva educacional, haja vista que também desenvolvia na comunidade do Queimados na Cidade de Mandirituba e através do CRAS – Centro de Referência de Assistência Social, grupos com pessoas à margem da sociedade e que precisavam de melhores orientações, sobretudo no que era referente a educação e na área da garantia de direitos, pautados nas políticas públicas, no ano que era para eu tentar uma vaga para entrar na ANE 2, infelizmente acabei perdendo o processo seletivo, então tive que focar em minhas práticas educativas e buscar conhecimento e troca de saberes com os vídeos que a especialização mantém na internet, todavia, a frustração foi grande, mas comecei a analisar e pesquisar quando seria o próximo processo seletivo, eu tinha um projeto para desenvolver que seria a resgatar o potencial de literatas negras, e incentivar alunos da rede pública a conhecer, explorar e validar a leitura como fonte de possibilidades de engajar-se cada vez mais na educação, aguçar a crítica e fazer com que as necessidades que muitas vezes eram somente o que se viam, pudessem ser potencializadas, minha história é e tem muita semelhança, nasci em uma zona de extrema pobreza e vulnerabilidade social da cidade do Rio de Janeiro, compreendia que por intermédio dos estudos e de uma educação emancipatória, eu poderia ser tudo aquilo que sonhei em minha vida, e assim o fiz, consegui concluir três graduações (Serviço Social, Pedagogia e Psicologia), oportunizar-me em especializar-me na área da educação para contribuir com mensagens e reflexões que viessem calhar na perspectiva social, por isso manifestava o grande desejo de aprender mais e mais, e cursar essa Especialização que tanto despertava interesse para

impactar-me e impactar o mundo através de uma prática que fosse leve, acessível e que transformasse, e assim busquei até o grande desejo manifesto aconteceu, em pleno período crítico de Pandemia do COVID-19 eu participei do Processo Seletivo para a ANE 3.

PERÍODO DE VIVÊNCIA COM A ESPECIALIZAÇÃO EM ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO - ANE 3

No início do ano de 2021, para minha surpresa, consegui adequadamente inscrever-me e para o processo seletivo esta especialização que seria um divisor de águas no meu processo de transmitir e trocar conhecimento, fui aprovado, quão feliz fiquei, entretanto, não imaginava o que estava cada vez mais complicada a vida em plena pandemia, e estávamos no meio de uma situação em que não haviam respostas corretas, a única coisa era aspirar é encontrar a melhor opção, pois a pandemia se encaixava exatamente na definição real de um dilema, e nesses dilemas iniciei um grande sonho de fazer esta especialização, vislumbrava, ir para a sala de aula, ver professores, colegas de sala, a Universidade Federal do Paraná (Litoral), caminhar sobre as praias de Matinhos nas horas vagas, todavia, os nossos encontros sabáticos ocorreram por meio das telinhas, mas que tiveram conexão, integração, troca de conhecimento e principalmente muito afeto, cada colega ao partilhar suas lutas, conquistas e possibilidade de seguir em frente diante de um momento que estava tão difícil era como um bálsamo que vinha curar as dores da incerteza do momento histórico em que estávamos vivendo.

Algumas semanas depois sentíamos a nossa pequenez diante de um vírus tão cruel e que estava impossibilitando-nos cada vez mais de nos encontrarmos de forma presencial, não havia vacina, e passávamos por dores, perdas, um momento político crítico, um governo negacionista, que não reconhecia a importância da ciência, da vacina, e perdemos amigos, familiares, e minha amiga pessoal Toninha que infelizmente acabou nos deixando deste plano em virtude deste vírus mortal, e na sequência eu também fui acometido por Covid-19, onde minha saúde complicou, o medo chegou em alguns momentos pensei que não escaparia, mas minha vontade de lutar e viver era muito grande. Um dos

aspectos que mais me surpreendeu no processo de minha inserção neste curso foi o cuidado, atenção e carinho que tanto a Coordenação da ANE3 e meus colegas dispensaram-me com ligações, mensagens e uma amizade tão fraternal que contribuiu muito para meu restabelecimento, e andamento nas aulas, nos encontros, nas trocas das salas com os colegas da “telinha”, e cada semana o cabedal de conhecimento era construído, e meu desejo aumentava em fazer um trabalho com literaturas de escritores negros, que tivesse também uma interface com crianças da educação básica de ensino e com os pais na busca de garantia de direitos, estudo de gênero, de uma forma acessível, uma linguagem popular e que impactasse, através do processo socioeducativo, validávamos nos encontros as palavras sempre foram a única arma de que dispunha, porque constatou desde a infância que eram “afônicos” os negros (Jesus, 2007b, p. 40) e os pobres (Jesus, 2007b, p. 248) que conhecia. As mulheres poderiam ser agregadas ao grupo dos “sem voz” por ela identificado, mas essa consciência de gênero ela não possuía. Dedicou-se com afinco a romper com a herança de afonia recebida, ciente das dificuldades que encontraria nessa busca incerta: “Eu estava sentada ao sol escrevendo e

RELATOS DAS VIVÊNCIAS

E assim foi evoluindo o processo, às quartas-feiras pela manhã no Projeto ABAI, com 90 crianças realizei com os educandos oficinas que resgatasse a importância de literaturas negras, especialmente a escritora Carolina Maria de Jesus, por intermédio da obra Quarto de Despejo, e na Escola Municipal Alice Machado Ferreira, pude desenvolver nas aulas de língua portuguesa, conseguindo efetivar um trabalho que fosse na perspectiva de uma nova educação através da leitura com escritores negros especialmente a Carolina em sua obra já acima citada.

O Projeto foi efetivado nessa perspectiva em espaços escolares trazendo ao conhecimento de alunos das áreas socioeducacionais e da rede municipal de ensino da cidade de Mandirituba de maneira presencial, e uma noite de cada mês nas quartas-feiras de forma virtual com os pais desses educandos com reflexões sobre a “voz que ecoa de Carolina de Jesus” apresentando as lutas

desta autora, as dificuldades que passou e suas possibilidades, fazendo com que esses responsáveis que participavam desses coletivos, com o olhar de uma alternativa para uma educação empoderadora, que fosse validar e garantir seus direitos, tal qual como a Carolina de Jesus aguerridamente através da leitura, e que pudéssemos também trabalhar assuntos relacionados ao racismo estrutural.

Compreendemos na perspectiva no diz respeito à literatura de forte viés social, o crítico paulista entende que “a eficácia humana é função da eficácia estética”, e que, portanto, “o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes” (Candido, 2004, p. 182). São, dessa forma, as palavras organizadas que, sugerindo ao leitor um modelo de ordenamento do mundo, lhe orientam no sentido da compreensão de si e do seu entorno.

“autora favelada” que lhe é imposto, cerceando seu direito de usar o vocabulário pouco usual que de fato conhece, impedindo-a de ser ela mesma: “Dá a impressão que sou uma folha ao sabor das ondas” (Jesus, 1961, p. 154). Regina Dalcastagnè analisa a circunstância autoral de vozes subalternas:

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome dele, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a “autenticidade” do depoimento e a legitimidade socialmente construída da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade do grupo e até entre o elitismo do próprio campo literário e a necessidade de democratização da produção artística (Dalcastagnè, 2008, p. 78).

Por intermédio dos coletivos com os pais dos educandos, tivemos tantos relatos emocionantes, onde trocávamos saberes e orientávamos esses responsáveis a buscarem através das políticas públicas suas efetivas garantias de direitos, a serem críticos e a questionarem, foram momentos de extrema relevância para todos os participantes deste coletivo.

E para finalizar essa trajetória tão bonita de encontros transformadores, aconteceu a tão esperada 5ª Conferência de Alternativas para uma nova Educação - CONANE Caiçara -2022 - UFPR Litoral, foram indubitavelmente três dias de trocas entre aqueles que se comprometem com mudanças nos processos educacionais escolares e/ou comunitários, com a busca de esperar futuros e possibilidades emancipadoras, humanizadoras e transformadoras por meio da construção de uma construir e tecer redes, tecidas por Saberes Interculturais, Interdisciplinares, Interexperienciais, Intergeracionais, Interinstitucionais e Interterritoriais, e mantemos articulações

com os colegas através da rede social e das plataformas que nos possibilitam essa aproximação tão singular e afetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho considerou que é de extrema relevância fazer ecoar a voz de Carolina Maria de Jesus, como uma propositiva de uma educação que liberta, e que é um direito fundamental do homem, passando a analisar a dimensão literária, que no transcorrer deste curso me vez enxergar inúmeras possibilidades de acreditar numa educação emancipatória que se constrói no caminho que é caminhando todos os dias, trocando conhecimento, saberes que efetivamente enriquecem nossa jornada, e agora que conclui a esta especialização espero multiplicar todo conhecimento que adquirir nas aulas virtuais, nas salas de troca de conhecimento, nos seminários, na CONANE, nos coletivos diversos que fizeram-me clarear minha visão e acreditar numa educação que fomenta-me para uma prática que me faz cada dia buscar ser um educador melhor, que valorize o simples, que enriqueça as aulas na perspectiva da troca de saberes, e que também construa pontes de ligação que venham fortalecer a prática educativa, eu pretendo integrar-me aos coletivos e sempre que possível participar das atividades propostas pela ANE4, outro desejo que tenho é de ser multiplicador de todo conhecimento que adquiri nesta especialização que mudou minha vida, e sensibilizar colegas, educadores para uma prática educacional diferenciada e que atenda as demandas desse novo espaço e momento em que ser educador é uma tarefa cada vez mais desafiadora, mas que como o nosso grande mestre Paulo Freire nos deixou um enorme legado “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” .

Assim seguirei minha trajetória interligado a práticas que transmitam possibilidades e alternativas para uma educação transformadora.

“O Caminho se faz caminhando” e a ANE3 nos provocou efetivamente a caminharmos todos juntos.

REFERÊNCIAS:

CANDIDO, Antonio (2004). O direito à literatura. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

DALCASTAGNÈ, Regina (2003). Sombras da cidade: o espaço na narrativa contemporânea brasileira. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 2, n. 7, p. 11-28.

FREIRE, Paulo (1977). Ação cultural para a liberdade. 2ª ed.(1ª edición: 1975). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

JESUS, Carolina Maria de (2007). Quarto de despejo: diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática.